

PRÁTICAS DE LEITURA EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: UMA PROPOSTA DE TRABALHO EM COMUNIDADES TERAPÊUTICAS PARA DEPENDENTES QUÍMICOS

READING PRACTICES IN NON-SCHOOL SPACES: A WORK PROPOSAL IN THERAPEUTIC COMMUNITIES FOR DRUG ADDICTS

PRÁCTICAS DE LECTURA EN ESPACIOS NO ESCOLARES: PROPUESTA DE TRABAJO EN COMUNIDADES TERAPÉUTICAS PARA DEPENDIENTES QUÍMICOS

Antônio Luis dos Santos¹
Thays Carvalho Cesar²

Resumo

Este trabalho aborda a prática de leitura em comunidades terapêuticas para dependentes químicos. Tal abordagem se justifica pela carência de trabalhos acadêmicos voltados à leitura recreativa com esse público. O objetivo deste estudo é desenvolver uma proposta em que o ato de ler seja uma atividade de lazer, não imposta. A pesquisa empregou revisão bibliográfica com autores que vivenciaram a prática da leitura em situações adversas. Apresenta-se o mediador de leitura como um importante elo entre a leitura e o leitor. O trabalho demonstrará que ler oferece novas possibilidades e soluções para os problemas da vida, além de proporcionar satisfação e motivação. Demonstra-se também que a leitura colabora para o melhor exercício da cidadania, pois ler é um direito reconhecido por lei.

Palavras-chave: leitura; dependente químico; comunidade terapêutica; mediador de leitura.

Abstract

This paper discusses the practice of reading in therapeutic communities for drug addicts. This approach is justified by the lack of academic work focused on leisure reading with this public. The objective of this study is to develop a proposal in which the act of reading is a leisure activity, not an imposed one. The research used a bibliographic review with authors who have experienced reading practice in adverse situations. The reading mediator is presented as an important link between reading and the reader. The work will show that reading offers new possibilities and solutions to life's problems, besides providing satisfaction and motivation. It also shows that reading contributes to a better exercise of citizenship, since reading is a right recognized by law.

Keywords: reading; chemical dependent; therapeutic community; reading mediator.

Resumen

Este trabajo considera la práctica de lectura en comunidades terapéuticas para dependientes químicos. Tal acercamiento se justifica por la escasez de trabajos académicos destinados a la lectura recreativa de ese público. El objetivo de este estudio es desarrollar una propuesta en la que el acto de leer sea una actividad de ocio, no impuesta. La investigación se apoyó en revisión bibliográfica de autores que experimentaron la práctica de lectura en situaciones adversas. Se presenta el mediador de lectura como importante eslabón entre la lectura y el lector. El trabajo demostrará que leer ofrece nuevas posibilidades y soluciones para los problemas de la vida, además de proporcionar satisfacción y motivación. Se demuestra también que la lectura contribuye para el ejercicio de la ciudadanía, por cuanto leer es un derecho reconocido por ley.

Palabras-clave: lectura; dependiente químico; comunidad terapéutica; mediador de lectura.

¹ Licenciado em Letras pelo Centro Universitário Internacional — Uninter. E-mail: alcomvisual1@gmail.com.

² Professora no Centro Universitário Internacional — Uninter. E-mail: thays.c@uninter.com.

1 Introdução

As Comunidades Terapêuticas abrigam um público específico de potenciais leitores, os dependentes químicos, definidos pela OMS (2004) como indivíduos que não conseguem controlar o consumo de drogas. Após busca nos sites Google Acadêmico e *SciELO*, a partir dos indexadores “leitura com dependentes químicos” e “leitura recreativa”, observou-se a escassez de trabalhos voltados à leitura com tal público, cuja rotina é preenchida pelo trabalho de recuperação para reinserção social. De acordo com Oliveira *et al.* (2019, p. 48),

No primeiro momento na adaptação dos novos residentes, estes ficam livres das obrigações diárias exigidos dentro das comunidades. Há certa liberdade para recuperarem-se física e psicologicamente antes de iniciarem as respectivas atividades diárias. Os dias iniciais destinados à adaptação variam entre as entidades pesquisadas, mas, em geral, situam-se em três dias, sendo que posteriormente os indivíduos são apresentados à rotina da unidade, às regras e inseridos nas atividades laborais.

Oliveira *et al.* (2019) pesquisaram 43 comunidades terapêuticas e constataram uma rotina rígida com horários bem definidos, necessária à recuperação e à futura reinserção social do dependente. Entre as atividades desenvolvidas, destacam-se cultos religiosos, trabalho, lazer e atendimento psicológico. Mas em relação à leitura praticada nesses ambientes, a maioria delas encontradas nos trabalhos acadêmicos, tem como objetivo um tratamento de saúde para o dependente químico. O trabalho apresentado por Caldin (2005) é um exemplo deste tratamento utilizando a leitura:

De acordo com o Relatório Final (PACHECO; ARAÚJO, 2004) os acadêmicos se apresentaram aos internos e informaram os objetivos da visita e do trabalho a ser realizado. A seguir, distribuíram três textos que continham ideias de que é possível vencer obstáculos e dificuldades. Os próprios internos procederam à leitura em voz alta dos textos, sendo seguida de comentários pessoais. Cumpre lembrar que houve identificação de muitos com o abordado nos textos. (CALDIN, 2005, p. 20).

O excerto é um exemplo do uso da leitura como recurso terapêutico, pois se refere a uma pesquisa realizada em algumas situações previamente propostas como “Atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina” (CALDIN, 2005, p. 13). Neste trabalho foram realizadas atividades de leitura com vários grupos, entre eles os dependentes químicos. No entanto, não é essa a dinâmica da leitura proposta neste artigo, pois a leitura apresentada por Caldin (2005, p. 20) possui caráter terapêutico.³

³ A biblioterapia admite a possibilidade de terapia por meio da leitura de textos literários. Contempla, não apenas a leitura de histórias, mas também os comentários adicionais a ela e propõe práticas de leitura que proporcionem a interpretação do texto.

A presente pesquisa reconhece o potencial terapêutico da leitura e a considerou, em um primeiro momento, um caminho promissor. Contudo, devido às tensões e cobranças próprias de um tratamento terapêutico, conforme descrito, optou-se pela proposta da leitura recreativa, fonte de satisfação e conhecimento, que não deve ser imposta ao leitor, mas oferecida como atividade de lazer e descanso, desenvolvida com a participação voluntária do dependente no período estabelecido pela comunidade.

No desenvolvimento deste artigo, apresenta-se um conceito mais abrangente sobre o dependente químico, bem como observações a respeito das condições de trabalho do mediador de leitura nesse ambiente de reabilitação.

O tópico seguinte apresenta sucintamente as perspectivas sobre leitura de Paulo Freire e Michéle Petit, pois ambos demonstram ser por meio da empatia que se estabelece toda a relação de vivência e aprendizagem do processo de formação do leitor. Segundo Paulo Freire (1989), há três etapas do processo de aquisição de leitura vivenciadas, antes de teorizadas, pelo autor em sua experiência docente. Ou seja, Freire transpôs suas experiências desde a infância, do mundo que o cercava, à leitura das primeiras letras. Sua vivência pode ser resumida como a leitura de mundo, a leitura do código escrito e a autonomia do leitor para escrever ou reescrever sua própria história, o que possibilita a promoção do ato de ler para qualquer pessoa, inclusive em espaços não escolares.

Outro fator a ser explorado é o direito do cidadão à leitura. Para viabilizá-lo, os mediadores de leituras são considerados fundamentais, por serem verdadeiros facilitadores apresentados como esperança para que os livros cheguem ao seu destino: o leitor, mesmo que a leitura esteja em um ambiente desfavorável a sua prática. Portanto, um tópico é dedicado ao mediador, ao conceito e a importância deste agente na formação do leitor.

O penúltimo tópico mostra duas experiências de mediadores nas práticas registradas por Paulo Freire e Fabiano Santos, que poderão servir de modelo para futuros trabalhos com dependentes químicos em comunidades terapêuticas.

As considerações finais relacionam todos os pontos apresentados no artigo e oferecem sugestões para mais estudos sobre o tema, a fim de minimizar a escassez de pesquisas científicas sobre as relações entre dependente químico e leitura.

A metodologia utilizada neste trabalho é a revisão bibliográfica qualitativa, em que “os resultados obtidos não são passíveis de medição numérica e as subjetividades individuais estão

Assim, o sujeito, ao exercer sua liberdade de interpretar, cria novos sentidos ao lido. Também se pode dizer que as palavras não são neutras e, portanto, a linguagem metafórica tem a capacidade de conduzir o sujeito para além de si mesmo; é transcendental. (CALDIN, 2005, 14).

envolvidas” (UNINTER, 2018, p. 12). Os artigos de revisão bibliográfica partem de referenciais teóricos ou fontes bibliográficas e tem como objetivo contribuir para ampliar a compreensão sobre determinado tema por meio da síntese e da estruturação conceitual (UNINTER, 2018). Para contribuir com esta proposta, recorre-se a Paulo Freire, Michelle Petit, Fabiano dos Santos e José Castilho Marques Neto.

2 Considerações sobre leitura com dependentes químicos em comunidades terapêuticas

A Organização Mundial de Saúde (OMS), ao tratar da questão da dependência química, apresenta uma terminologia que promove importantes reflexões sobre o tema.

A farmacodependência é um transtorno complexo com mecanismos biológicos que afetam o cérebro e a sua capacidade para controlar o consumo de substâncias. Ela é não apenas determinada por fatores biológicos e genéticos, mas também por fatores psicológicos, sociais, culturais e ambientais. Atualmente, não existem meios para identificar as pessoas que se tornarão dependentes – nem antes nem depois do início do uso de drogas (OMS, 2004, p. 33).

A farmacodependência é um conceito abrangente sobre a dependência química, pois inclui indivíduos que usam descontroladamente remédios comprados em farmácia — além de outras drogas legalizadas, como o álcool e o tabaco — e ilegais, como a cocaína e a maconha.

No relatório, a OMS (2004) aborda o tema da dependência química pela ótica das neurociências: “Atualmente, não existem meios para identificar as pessoas que se tornarão dependentes – nem antes nem depois do início do uso de drogas” (OMS, 2004, p. 33). Esta abordagem demonstra a inexistência de meios para identificar quem desenvolverá dependência química em algum momento de sua vida.

Por reconhecimento dos transtornos provocados pelo abuso de drogas, desenvolvem-se tratamentos e abordagens variadas amparados por conhecimento científico, políticas públicas e pela sociedade civil para amenizar o sofrimento ou recuperar a saúde do dependente. Algumas abordagens são desenvolvidas com o dependente químico nas comunidades terapêuticas⁴. Durante o período de internação, estas instituições se tornam casa para os dependentes. A prática da leitura pode ser uma experiência positiva na vida dos internos dessas comunidades.

⁴ Comunidades terapêuticas acolhedoras são instituições que prestam serviços de atenção a pessoas com transtornos decorrentes do uso, abuso ou dependência de substâncias psicoativas (SPA), em regime de residência (BRASIL, 2020).

Além de proporcionar importantes experiências para o leitor, a leitura é reconhecida como direito pelo Estado brasileiro. Leis nacionais discorrem sobre os benefícios do ato de ler⁵. A Lei do Livro torna-se um bom exemplo ao “promover e incentivar o hábito da leitura”.

Outro passo importante para incentivo à leitura foi a criação do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), de 2006, que em 2018 originou a Política Nacional da Leitura e da Escrita (PNLE), conforme expressa a lei n.º 13.696, de 12 de junho de 2018:

Fica instituída a Política Nacional de Leitura e Escrita como estratégia permanente para promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil.

Parágrafo único. A Política Nacional de Leitura e Escrita será implementada pela União, por intermédio do Ministério da Cultura e do Ministério da Educação, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios e com a participação da sociedade civil e de instituições privadas (BRASIL, 2018).

Para promover o resgate e a valorização da leitura é importante considerar vários fatores sociais e ambientais. No caso das comunidades terapêuticas, destacam-se três: o primeiro deles é o tempo. É difícil prever o período de internação do dependente na comunidade. Embora a permanência nestes ambientes tenha um prazo predeterminado pela instituição, os internos não são obrigados a cumpri-lo, conforme o artigo 7º, parágrafo único do cap. II da Resolução n.º 8, de 14 de agosto de 2019.

A participação popular e controle social deverá ser pautado pelo protagonismo das(os) usuárias(os) e seus(suas) familiares sobre o seu tratamento, suas próprias vidas e no apoio à construção de suas escolhas garantidos no pressuposto constitucional da livre escolha e da liberdade de ir e vir (BRASIL, 2019).

O protagonismo do usuário é compreendido como sua livre escolha de participar do tratamento ou de qualquer outra ação que envolva sua vida e liberdade, ou seja, o dependente está na comunidade por iniciativa própria e pode sair a hora que desejar. Por esta razão, cada encontro precisa ser bem planejado como se fosse único. A maioria das instituições aceitam pacientes como “internação voluntária: aquela que se dá com o consentimento do usuário, mantendo o direito de pedir alta no momento que o desejar;” (BRASIL, 2019, art. 16).

Ainda é preciso levar em consideração a abstinência do uso das drogas.

Segundo a CID-10, encontramos dentro da dependência dois fenômenos também muito importantes: a tolerância (“necessidade de quantidades aumentadas da substância para atingir intoxicação ou efeito desejado”) e a abstinência (“síndrome

⁵ “O livro é o meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida;” (BRASIL, 2003, art.1º inciso II).

que ocorre quando se interrompe o uso do tóxico, causando malefícios que tendem a levar o dependente a querer voltar a consumir a droga”). (SABINO; CAZENAVE, 2005, p. 171).

Diante do exposto, é preciso também considerar que nem todos os internos estarão dispostos ou em condições para determinadas atividades, devido a situações desencadeadas pelo uso de drogas, ou por conta do período de adaptação, como mencionado anteriormente. Portanto, é preciso conversar com os monitores das comunidades para se informar sobre essas questões, porquanto a atividade de leitura, embora não seja tratamento, precisa ser elaborada conforme o nível de adaptação do interno.

A última consideração a fazer diz respeito ao nível de conhecimento e à idade. Enquanto alguns internos leem com desenvoltura, outros são analfabetos ou leitores com dificuldades para entender o sentido dos textos. Para o bom desenvolvimento de qualquer atividade é preciso encontrar recursos de mediação que atendam a todas as pessoas. Quanto à idade, independentemente da faixa etária, é necessário integrar os participantes por meio de uma atividade comum.

A leitura como prática de lazer, de aquisição de conhecimento e de reflexão não deverá ser considerada terapia para o dependente químico. Por este motivo, precisa ser opcional, em vez de uma tarefa imposta como parte da rotina da casa.

Para propor atividade que atenda bem ao dependente químico internado em comunidades terapêuticas, apresentam-se a seguir perspectivas para orientação e construção de um caminho ainda pouco explorado: o da leitura voltada aos dependentes químicos internados em comunidades terapêuticas.

3 A leitura nas visões de Paulo Freire e Michèle Petit

Este estudo se respalda nas obras de dois autores de referência para o trabalho com práticas de leitura. A imersão nos livros de Michelle Petit e Paulo Freire foi fundamental para entender as diferentes formas de trabalhar a leitura em contextos não escolares.

Nos itens a seguir, apresenta-se a leitura de mundo, seu avanço progressivo à leitura do código escrito e conseqüente transformação social, de acordo com a perspectiva de aquisição de leitura na experiência vivida e teorizada por Paulo Freire.

Michèle Petit, além de identificar as formas primitivas de aquisição de leitura, avança sobre o processo de formação de um leitor que domina o código escrito, mas, por variados motivos, afastou-se ou foi afastado das leituras mais elaboradas. Ela ainda contribuirá com exemplos práticos de mediação de leitura no tópico sobre o assunto.

3.1 Paulo Freire

Em 2021, comemora-se o centenário de nascimento de Paulo Freire. Várias instituições em todo o Brasil homenageiam este grande educador pela importância de suas contribuições à educação. Para celebrar a data, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), além de instituir 2021 como ano comemorativo de Paulo Freire, publicou em seu site oficial importantes informações sobre ele.

Autor da obra “Pedagogia do Oprimido”, entre muitas outras, Paulo Freire é o terceiro teórico mais citado em trabalhos na área de humanas, em nível mundial. Reconhecido pelo método de alfabetização desenvolvido na década de 1960 e aplicado com sucesso entre cortadores de cana-de-açúcar em Angicos, no Rio Grande do Norte, o pernambucano é Patrono da Educação Brasileira desde 2012. Paulo Freire também é o cidadão brasileiro mais homenageado mundo afora, detentor de mais de 30 títulos de Doutor Honoris Causa e cerca de 20 prêmios, concedidos por diversas universidades e instituições nacionais e internacionais. (DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO DA UERJ, 2021, [s.p.]).

O patrono da educação brasileira é o primeiro autor abordado neste artigo, pois compreender um pouco de sua visão educacional proporcionará relevante orientação para trabalhar leitura em contextos não escolares.

Em primeiro lugar, adota-se a premissa freiriana de que “a leitura do mundo antecede a leitura da palavra e a leitura desta implica na continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1989, p. 11), deste modo,

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de ‘ler’ o mundo particular em que me movia – e até onde não sou traído pela memória – me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, recrio e revivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra (FREIRE, 1989, p. 9).

Portanto, todos são leitores ativos desde crianças. As memórias da infância apresentam as primeiras leituras da “velha casa, ...o sítio, as avencas de minha mãe -, o quintal amplo...” (FREIRE, 1989, p. 9). Este conceito abre caminhos para reconhecer, por meio do diálogo, algumas leituras importantes nas experiências de vida das pessoas.

A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz. (FREIRE, 1989, p. 11).

A leitura das primeiras palavras do código escrito, mediada por seus pais, ainda na casa de sua infância, estava intimamente ligada ao mundo ao seu redor. Essa experiência foi transportada para a sala de aula. Ao se tornar professor de português, Freire quis tornar significativo o aprendizado de cada palavra e dava preferência às diretamente ligadas à realidade próxima dos seus alunos (FREIRE, 1989).

Tal compreensão, direcionada para a realidade de determinado grupo com o qual se pretende trabalhar leitura, induz a pensar sobre as muitas relações entre o texto e a história das pessoas, pois se o texto se conectar com elas, e, posteriormente, receberem o direito da fala, é muito provável compartilharem suas leituras de mundo, o que tornará vivo e dinâmico o aprendizado.

Em último lugar, encontra-se a autonomia do leitor para escrever ou reescrever a história. Este pode ser o objetivo almejado pela pedagogia freiriana, conforme Paulo Freire escreveu:

Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescreve-lo”, quer dizer, de transforma-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, 1989, p. 13).

Portanto, o processo de aprendizagem da leitura apresentado por Freire pode ser compreendido como mecanismo vivo e complexo, observado na dinâmica de compreensão da aquisição de leitura de outros autores, como Michèle Petit, por exemplo. É interessante por não se tratar apenas de etapas, como se o ato de “escrever ou reescrever o mundo” fosse o ápice do processo, embora possa ser uma consequência. As três etapas coexistem e avançam no processo ininterrupto da formação do leitor. Trata-se de “uma compreensão crítica do ato de ler” (FREIRE, 1989, p. 10).

Além de apresentar os pilares da formação do leitor, o autor explicita qual deve ser a postura do educador, pois todos estão em processo de aprendizado, de modo que reconhecer e valorizar o saber do outro é um princípio fundamental na obra freiriana. Ensinar é uma via de mão dupla, pois “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender” (FREIRE, 1986, p. 13):

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forrar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem

ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo relativo. Verbo que pede um objeto direto (FREIRE, 1986, p. 13).

Portanto, a proposta deste trabalho de pesquisa considera o processo de aprendizagem uma “via de mão dupla”, em que as pessoas que trabalham com os dependentes aprendem tanto quanto os ensinam, sem reduzi-los a condição de ignorância, desprezando conhecimentos e vivências prévias dos internos, mas incorporando-as para atribuir novos sentidos às novas experiências. Desta forma, o educador que atua em casas de acolhimento para dependentes químicos não deve se apresentar como aquele que “tudo sabe”, mas como orientador desejoso de aprender em sintonia com seus alunos.

A próxima autora, Michèlle Petit, compreende a leitura como um exercício vital para o ser humano. Ela acredita que as pessoas que leem conseguem enfrentar as dificuldades da vida em uma perspectiva melhor em relação aos que não leem.

3.2 Michèlle Petit

A antropóloga e pesquisadora Michèlle Petit é reconhecida “militante a favor do livro”. Assim como Paulo Freire, seu trabalho alcança dimensões mundiais. A autora francesa é doutora em Letras e Ciências Humanas, especialista em pesquisas e estudos sobre leitura nos mais diversos ambientes, como áreas de conflitos, bairros marginalizados, territórios urbanos e rurais, etc. (PETIT, 2010).

Todo seu trabalho apresenta a leitura como direito humano (PETIT, 2010), pois o leitor adquire conhecimentos, faz reflexões que contribuem para superação e resolução de conflitos, sobrevivência em situações ou ambientes complexos ou hostis.

De acordo com seus estudos, é justamente na infância que o indivíduo começa a ler, conforme observado na concepção de Freire. A autora analisa o comportamento leitor após seus primeiros anos de vida e identifica algumas dificuldades (PETIT, 2010).

Segundo Petit (2019, p. 24), imagens próximas são as primeiras leituras que os pais ou outras pessoas transmitem para as crianças, pois “leem junto com elas as paisagens e os rostos que as rodeiam”. Além destes aspectos visuais, a oralidade vivenciada na infância é fundamental para formação do leitor, conforme suas observações e estudos.

Antes do encontro com o livro, existe a voz materna, ou em alguns casos, paterna, ou ainda em certos contextos culturais da avó ou de uma outra pessoa que cuida da criança, que lê ou conta histórias (PETIT, 2010, p. 58).

Essas experiências leitoras, antes do domínio do código escrito, são fundamentais na construção do leitor. “Na França o número dos grandes leitores é duas vezes maior entre os que se beneficiaram das histórias contadas pelas mães” (PETIT, 2010, p. 58). Portanto, ouvir as histórias dos dependentes químicos, as que lhes foram contadas quando ainda crianças, pode ser um caminho para introduzir novas leituras.

Além de ouvir, em suas pesquisas Petit observou que ler em voz alta para o grupo com o qual trabalha é muito importante, e esta é uma das abordagens usadas pelo grupo *A Cor da Letra*⁶, citado pela autora. “Ler suportes escritos em voz alta para pessoas distantes deles” é algo muito simples, mas que se mostra eficiente para conquistar novos leitores (PETIT, 2010, p. 38-39).

A colaboração de Petit para a prática de leitura com dependentes químicos pode ser resumida à disponibilidade para ouvir o outro, conhecer suas leituras de mundo, apresentar diferentes suportes, ler em voz alta, compartilhar experiências com atenção e respeito ao interlocutor. Tais práticas citadas por Petit são vivenciadas por grupos de mediadores que ela menciona em seus livros, conforme apresentado no tópico seguinte.

4 O mediador de leitura e a formação do leitor

José Castilho Marques Neto⁷ definiu em poucas palavras quem é e o que se pode esperar do mediador de leitura.

Como tenho sempre afirmado, e sei que expresso a opinião da unanimidade dos especialistas, a prioridade das prioridades para formar um país de leitores é formar pessoas capacitadas para serem mediadores, entendidos como facilitadores das circunstâncias que aproximarão o leitor do texto, da leitura. (MARQUES NETO, 2009, p. 66).

Portanto, o mediador é um facilitador de leitura, uma verdadeira ponte entre o livro e o leitor. Para o autor, o mediador é fundamental em um projeto de formação de leitores. Sua reflexão é ampla e leva a pensar na possibilidade de um país de leitores — uma visão de leitura e leitores além dos espaços escolares. Como se pode observar em suas palavras:

Não é fácil formar mediadores, até porque hoje representa uma superação de determinadas concepções que atribuíam a leitura exclusivamente às obrigações da

⁶ O grupo a Cor da Letra desenvolve um trabalho no Brasil com formação de leitores e mediadores de leitura. Disponível em: <https://www.facebook.com/Instituto-A-Cor-da-Letra-113551305999311/>. Acesso em: 13 jul. 2022.

⁷ José Castilho Marques Neto é doutor em filosofia. Especializou-se também em políticas públicas do livro, leituras e bibliotecas. Entre suas contribuições, destaca-se o período em que foi secretário executivo do plano nacional do livro e leitura vinculado ao ministério da educação. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/104177/jose-castilho-marques-neto/>. Acesso em: 13 jul. 2022.

escola, ligando-a mecanicamente à alfabetização. Impõe-se a necessidade de, sem tirar a leitura da escola, ir além dela, transpondo o que se denomine a “escolarização da leitura” e enraizá-la na sociedade como um ato de todos. (MARQUES NETO, 2009, p. 66).

Marques Neto (2009) trata a questão da leitura e da formação de mediadores como política pública, argumentação fundamentada na Lei do Livro, de 2003 (BRASIL, 2003), e no Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)⁸, de 2006, citados na introdução deste artigo. Para Marques Neto, o governo precisa garantir o direito à leitura.

Sobre a atuação do mediador em campo, a autora Michèlle Petit compartilha ricas experiências de mediação nos mais diferentes espaços da sociedade, como hospitais, favelas, zonas rurais, com refugiados, imigrantes e com outros grupos sociais. A prática é exemplificada por meio de relatos registrados pela autora.

Nos relatos do grupo “Miradas”⁹ é possível encontrar uma contribuição do mediador de leitura e dos textos que selecionam e apresentam a seus alunos:

O rosto dos alunos mostrava o espanto, a compreensão, a identificação e a tristeza. Suas palavras se tornaram as nossas. Os professores participaram muito e todos, alunos, leitoras, educadores, compartilhamos sensações e lembranças [...]. (GRUPO MIRADAS, “Diário de encuentros”, 2002 apud PETIT, 2010, p. 257).

As emoções foram relatadas após professores e alunos conhecerem o escritor Julio Cortázar¹⁰, por meio de um documentário projetado em vídeo. Vale destacar que os participantes conheciam seus contos.

“Os Miradas” resumiram: “Tínhamos um sentimento de pertencimento [...] ele exprimia muitas coisas que nós não tínhamos sabido exprimir. Ele nos deu voz”. (GRUPO MIRADAS, “Diário de encuentros”, 2002 apud PETIT, 2010, p. 257).

Como é possível inferir a partir das citações apresentadas, o mediador é diretamente beneficiado pelo seu trabalho, tanto que não basta somente formar novos leitores, é preciso formar também leitores-mediadores. Sair do anonimato e contribuir de alguma forma para o bem de outras pessoas faz a diferença de forma positiva na vida do mediador.

⁸ O governo brasileiro, representado pelo Ministério da Educação e Ministério da Cultura lançaram um artigo para tratar do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/PNLL.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2022.

⁹ O grupo argentino Miradas é formado por mediadores de leitura. No relato de Petit, eles estavam atuando em uma escola na capital Buenos Aires (PETIT, 2010).

¹⁰ “Julio Cortázar (1914-1984) foi um escritor argentino, considerado o mestre do Realismo Fantástico – corrente literária que uniu a realidade ao universo mágico.”. Ele ficou por mais de trinta anos exilado em Paris. Para saber mais sobre o escritor: https://www.ebiografia.com/julio_cortazar/. Acesso em: 13 jul. 2022.

Alguns dos jovens mediadores de A Cor da Letra lembram do reconhecimento que conquistaram, particularmente junto aos moradores do lugar onde vivem, como esta jovem: “Com esse trabalho, não sou mais uma menina qualquer nessa comunidade, sou uma referência para as crianças, quando passo na rua, todos me reconhecem” (PETIT, 2010, p. 43).

Para Fabiano dos Santos, um dos organizadores do livro *Mediação de Leitura: discussões e alternativas para formação de leitores*, a primeira pessoa a ser sensibilizada pela literatura é o próprio mediador, pois somente desta forma conseguirá transmitir as emoções da leitura para os outros.

No âmago dessa formação está a vida de cada agente de leitura, compreendendo nesse percurso a possibilidade de promover situações de formação leitora na sua própria vida. De como um agente de leitura tem que inebriar-se de poesia para derramar poesia na vida das pessoas, de como ele tem que ser tocado por um bom conto para pousar na inteligência do outro (SANTOS, 2009, p. 42-43).

Ou seja, o mediador não deve compartilhar uma leitura mecânica, mas viva e vibrante (SANTOS, 2009). Tal leitura, conseqüentemente, ganhará novos contornos no imaginário do ouvinte, que terá novos olhares sobre o texto e poderá compartilhar sua interpretação para enriquecer um diálogo a respeito.

Além disso, o mediador proporciona ao cidadão o usufruto de um direito: o acesso aos mundos construídos por palavras (SANTOS, 2009), que passam a ser do leitor a partir do momento que as conhece. Mas, de alguma forma, essas leituras darão novo sentido para o mundo real e particular do indivíduo.

4.1 Exemplos de mediação de leitura

Esta primeira sugestão de mediação é fruto da reflexão do trabalho educacional de Paulo Freire em São Tomé e Príncipe, no continente Africano, na comunidade pesqueira Monte Mário:

Tinha-se como geradora a palavra bonito, nome de um peixe, e como codificação um desenho expressivo do povoado, com sua vegetação, as suas casas típicas, com barcos de pesca ao mar e um pescador com um bonito à mão (FREIRE, 1989, p. 26).

O desenho apresentado na comunidade de Monte Mário pode ser compreendido com uma leitura imagética (ler e interpretar imagens), que poderia facilitar o processo de associação da palavra com o objeto próximo, próprio do método de alfabetização de adultos desenvolvido por Paulo Freire. A experiência demonstra o quanto o ato de ler pode ser libertador. Um desenho, uma foto, ou qualquer outra representação visual pode despertar muitas reações.

Quando as imagens têm relação com a vivência de um grupo, podem contribuir para um novo olhar em relação à determinada realidade, construir novas possibilidades de diálogos e diferentes leituras, além de despertar o interesse do dependente químico em construir um novo caminho para sua vida. Assim como aconteceu no Círculo de Cultura de São Tomé, na vida daqueles pescadores.

No entanto, as formas de introduzir pessoas ao mundo da leitura são variadas e construídas segundo a necessidade, bem como a criatividade do mediador e das pessoas envolvidas nas práticas de leitura, conforme se observa na experiência da mediadora Lílian:

-Minha fia, eu não sabia que a minha vida todinha tava dentro desse livro.

A frase de Dona Antônia foi o bastante para Lílian perceber a riqueza daquele momento. Ela saiu dali semeando para sua comunidade que aquele era o livro onde Dona Antônia se encontrara. E todo mundo qual era o livro que aquela senhora tão querida estava dentro. (SANTOS, 2009, p. 43-44).

Dona Antônia era uma artesã idosa, e esta experiência de mediação aconteceu na pequena cidade de Mucambo, no Ceará (SANTOS, 2009).

As práticas apresentadas podem ser experimentadas nas mais diferentes realidades. Os mediadores demonstram também se surpreenderem com a reação das pessoas ao ouvirem e vivenciarem as histórias dos livros, dos quadros, filmes e de muitas outras formas de leitura. Portanto, todos aprendem e crescem: ler está ao alcance de todos.

5 Considerações finais

Ao observar algumas comunidades terapêuticas na região da Grande Vitória e as leituras realizadas naqueles lugares, amadureceu a ideia de que o trabalho com a leitura talvez não ocorresse prazerosa e recreativamente nessas instituições. Tais observações, então sem nenhum rigor científico, motivaram pesquisa bibliográfica sobre a prática de leitura com dependentes químicos, que resultaram neste artigo.

Após extensa pesquisa em bancos de dados para descobrir projetos de leitura destinados às comunidades terapêuticas do Brasil, constatou-se haver pouca produção sobre o tema, fato que, em um primeiro momento, conduziu a pensar que o dependente químico talvez seja privado dos benefícios e do direito de ler enquanto internado em comunidades terapêuticas.

A motivação para trabalhar o tema fortaleceu ao reconhecer nos escritos dos autores pesquisados a real carência de um público leitor na sociedade atual capaz de fazer uma leitura reflexiva, transformadora e (por que não?) divertida. Uma intenção da pesquisa é propor alternativas de práticas de leitura em comunidades terapêuticas.

O primeiro autor pesquisado foi Paulo Freire, que elaborou uma proposta atrativa para conduzir muitas pessoas ao mundo das letras ao aproximar o código escrito da realidade de cada um. Uma importante reflexão surgiu a partir da leitura do pequeno livro *A Importância do Ato de Ler*, em que Freire apresenta sua visão sobre o leitor e como as pessoas aprendem o código escrito sem traumas, a partir de um ciclo contínuo e transformador do próprio mundo por meio de novas e de antigas leituras.

Descobriram-se muitos pontos de convergência nos pensamentos dos autores pesquisados, um deles diz respeito a abrangência do ato de ler, pois, além do código escrito, o ser humano lê e interpreta imagens, sons, gestos, odores, e uma infinidade de outras informações através dos sentidos. Portanto, todos são leitores. Contudo, em algum momento do processo de aprendizagem podem surgir barreiras para prosseguir com novas e desafiadoras leituras. Essas barreiras tornam mais difíceis as leituras, principalmente aquelas que não encontramos nos livros, ou seja, as que estão além das palavras.

Este artigo apresentou resumidamente o processo de formação do leitor sob uma perspectiva freiriana. Diante deste processo, acredita-se que as teorias apresentadas permitem identificar as possíveis dificuldades do trabalho com a leitura em comunidades terapêuticas.

Para superá-las, sugere-se reconhecer todas as pessoas como leitores, identificar e apresentar recursos como a leitura imagética e a leitura de mundo como elemento motivador. Isto amplia as possibilidades de tornar as comunidades terapêuticas em reconhecido espaço destinado a leitores.

A pesquisa também apresentou a leitura como um direito do cidadão. Portanto, citaram-se algumas leis do nosso país, como a Lei do Livro, cujo objetivo é tornar o Brasil um país de leitores, pois ler propicia melhor exercício da cidadania, embora não seja apresentada como solução a todos os problemas das pessoas.

Ao apresentar o Mediador de Leitura, objetivou-se inspirar cada leitor a tornar-se um deles ao dedicar um tempo para apresentar a leitura e o seu caráter libertador conforme demonstrado pelos autores pesquisados. Libertador para aquele que não se reconhecia leitor e, a partir desse reconhecimento, parte para novas leituras.

Esta pesquisa é inicial, portanto, é necessário aprofundar o tema de leitura com dependentes químicos em comunidades terapêuticas. A prática da leitura em concordância com as orientações contidas neste artigo precisa ser experimentada em trabalho de campo e aprimorada em trabalhos futuros.

Referências

BRASIL. Lei 10.753, de 30 de outubro de 2003. Institui a Política Nacional do Livro. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 31 out. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.753.htm. Acesso em: 7 jul. 2022.

BRASIL. Lei 13.656, de 12 de julho de 2018. Institui a Política Nacional da Leitura e Escrita. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 155, n. 134, p. 1, 12 jul. 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113696.htm. Acesso em: 7 jul. 2022.

BRASIL. RDC n.º 29/2011. **Comunidades Terapêuticas Acolhedoras**. Brasília: ANVISA, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/servicosdesaude/comunidades-terapeuticas-acolhedoras/conceitos-e-definicoes>. Acesso em: 18 jul. 2022.

BRASIL. Resolução n.º 8, de 14 de agosto de 2019. Dispõe sobre soluções preventivas de violação e garantidoras de direitos aos portadores de transtornos mentais e usuários problemáticos de álcool e outras drogas. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ed. 163, p. 5, 14 ago. 2019. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-8-de-14-de-agosto-de-2019-212175346>. Acesso em: 7 jul. 2022.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: Atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Biblios**, Lima, ano 6, n. 21-22, p. 13-25, ago. 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/161/16102202.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO DA UERJ. Centenário de Paulo Freire é tema de Ano Comemorativo na Uerj e de calendário 2021. **Universidade do Estado do Rio de Janeiro**. 26 jan. 2022. 11:05. Disponível em: <https://www.uerj.br/noticia/centenario-de-paulo-freire-e-tema-de-ano-comemorativo-na-uerj-e-de-calendario-2021/>. Acesso em: 7 jul. 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

MARQUES NETO, José Castilho. Políticas públicas de leitura e formação de mediadores. *In*: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José C.; ROSING, Tânia M. K. (orgs.). **Mediação de Leitura: discussões e alternativas para formação de leitores**. São Paulo: Ed. Global, 2009.

OLIVEIRA, Bruna Vicente *et al.* O dependente químico residente em comunidade terapêutica: da triagem à adaptação a uma nova vida. **Revista brasileira militar de ciências**, [S.l.], v. 5, n. 13, 2019. Disponível em: <https://rbmc.emnuvens.com.br/rbmc/article/download/16/20/#:~:text=Na%20rotina%20di%20%C3%A1ria%20das%20comunidades,ensinamentos%20religiosos%2C%20dentre%20outras%20atividades>. Acesso em: 7 jul. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Neurociência**: consumo e dependência de substâncias psicoativas. Genebra: OMS, 2004. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Neuroscience_P.pdf. Acesso em: 7 jul. 2022.

PETIT, Michèle. **A Arte de Ler ou como resistir à adversidade**. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

PETIT, Michèle. **Ler o Mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. Trad. Júlia Vidile. São Paulo: Ed. 34, 2019.

SANTOS, Fabiano dos. Agentes de leitura: inclusão social e cidadania cultural. *In*: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José. C; ROSING, Tânia M. K. (orgs.). **Mediação de Leitura**: discussões e alternativas para formação de leitores. São Paulo: Ed. Global, 2009.

SABINO, Nathalí Di M.; CAZENAVE, Sílvia de O. S. Comunidades terapêuticas como forma de tratamento para a dependência de substâncias psicoativas. **Estudos de Psicologia I**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 167-174, abr./jun. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/d6GNgyKtVD4xRDQNpJ5hVPJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 jul. 2022.

UNINTER. Centro Universitário Internacional. **Manual – orientações trabalho de conclusão de curso licenciatura em letras**. Curitiba, 2018.